

## **VIOLÊNCIA SEXUAL E A PROPENSÃO HUMANA PARA A AGRESSIVIDADE**

Vanessa Salete Bicigo de Quadros <sup>1</sup>  
Marisete Tramontina Beltrame <sup>2</sup>  
Orientador: Dr. Eldon Henrique Mühl <sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este texto propõe-se a identificar e esclarecer a violência sexual contra vulneráveis, propiciando a compreensão da natureza de tal fenômeno desde a propensão humana para a agressividade até a atmosfera de controle, força, poder e violência presente na relação estabelecida entre abusador e vítima. Notoriamente, escrever sobre a violência sexual, sua origem e como ela ocorre, exige a travessia de um extenso percurso, que, nos conduz ao entendimento de que a violência faz parte da condição humana.

A partir disso, emerge a necessidade de conscientizar a população de que a violência sexual não é silenciosa, mas é forçada ao silêncio por uma rede de fatores que tenta tornar invisível a desumanidade do ato. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, hermenêutica e interpretativa do problema, que busca compreender os sentidos e significados para as crianças vítimas de tal violência e apontar o papel do educador no enfrentamento de tal situação.

A referência principal é composta de obras de Sigmund Freud, *O mal estar da civilização* (1930/1980), de Michel Foucault, *O sujeito e o poder* (1982/1995) e de Claudio Almir Dalbosco, *A violência humana e papel do ócio estudioso* (2020). Cabe destacar que a conceituação do abuso sexual em meio à relação poder e violência, possibilita o entendimento sobre como o abusador usa as estratégias de poder para violentar a vítima, utilizando ou não a força física para controlá-la. Atentar-se para os mecanismos utilizados pelo violentador é uma exigência importante para a compreensão do fenômeno, assim como, para prevenção desse ato desumano. Um outro aspecto é a atenção à vítima, tanto no seu acolhimento como na ação reparadora dos educadores. Neste sentido, torna-se indispensável o papel da educação na formação dos indivíduos preparados para o enfrentamento do problema e a reparação de quem sofre tal violência.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo - UPF/RS, [vanessa.s bq3@gmail.com](mailto:vanessa.s bq3@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo – UPF/RS, [102571@upf.br](mailto:102571@upf.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor em Educação - UPF/RS, [eldon@upf.br](mailto:eldon@upf.br).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificar e esclarecer a violência sexual, conduz o entendimento de que o ser humano, quando vencido por suas próprias forças destrutivas e animalescas, acaba agindo de forma agressiva e violenta contra seus próprios semelhantes, indiferentemente se eles são membros de sua família ou não. Tal constatação nos faz considerar a importância da análise da propensão humana à agressividade, tomando, como ponto de partida, a obra *A república*, de Platão (1991). Assim, observa-se que o homem é composto por uma alma, devidamente, dividida em três partes: racional - onde se aprende -, irascível - associada à raiva e à irritação - e apetitiva - relacionada aos desejos primitivos: comer, beber, paixão, entre outros. Ao examinar essa divisão, percebe-se que o homem vive uma constante luta interna consigo mesmo, envolvendo os polos da pacificidade e da agressividade, contidos em seu próprio ser. Platão ainda menciona a existência de uma lama bárbara, onde os olhos da alma encontram-se atolados. Essa expressão é esclarecida por Dalbosco (2020, p.31), ao mencionar que “o ser humano precisa ser arrancado desse lamaçal bárbaro que o puxa para o mundo subterrâneo, sombrio e apavorante, pois somente assim ele pode enfrentar seus dilemas pessoais e assumir a ação justa no âmbito da pólis”.

Na continuidade do percurso, Sêneca considera que o homem, ao ser capaz de manter o domínio de seus sentimentos e paixões, é considerado sábio. Em outras palavras, a ausência desse domínio torna-se a alavanca propulsora “dos principais vícios e corrupção do caráter” (DALBOSCO, 2020, p. 33). Como exemplo, Sêneca (1985, p. 439) apresenta Medéia<sup>4</sup> (*Medea*), tragédia grega em que uma paixão descontrolada - vivenciada na ausência de qualquer domínio - acaba por cegar o ser humano a ponto de tornar seus atos uma catástrofe, “alguma coisa atroz, inumana, ímpia”.

Tomando como base essa luta violenta entre as forças construtivas e destrutivas, somos levados às considerações de Friedrich Nietzsche<sup>5</sup>, que, segundo Dalbosco (2020, p. 34), são direcionadas à compreensão dos “conflitos internos à alma, oferecendo esclarecimentos importantes sobre a origem da agressividade e a violência que dela resulta”. O autor ainda destaca que, para Nietzsche, a superação e evolução da condição

---

<sup>4</sup> Nesta tragédia, Sêneca (1985) retrata o mito da princesa-feiticeira Medéia, que, ao ser rejeitada por seu marido - mesmo que para garantir a sua proteção e a de seus filhos-, acaba por vingar-se dele, assassinando a futura esposa, o sogro e seus próprios filhos.

<sup>5</sup> Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900) foi um filósofo, crítico cultural e escritor alemão, de grande influência no Ocidente, sendo um dos principais pensadores do século XIX.

de animalidade do ser humano nunca foi plenamente alcançada, sendo que “quanto mais o comportamento humano se refina pelo desenvolvimento da cultura, mais o próprio ser humano se torna astuto, artiloso e perverso” (p.35).

Segundo Freud (1930/1980, p. 124) muitas pessoas rejeitam a “inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade”. Tal rejeição da condição animalesca inerente ao ser humano ocorre, justamente, porque sua aceitação demandaria compreender que os seres humanos são agressivos por natureza. Dessa forma, quando o processo de inserção na cultura não alcança seu objetivo de humanização, os instintos da animalidade humana persistem. Nesse contexto, Winnicott (1987) acrescenta que quando a agressividade se manifesta, é sempre difícil identificar suas origens, visto que segue continuamente escondida, disfarçada, desviada e atribuída a agentes externos.

É importante notarmos que a agressividade, utilizada com o propósito destrutivo, configura-se como uma característica marcante da violência, que ao não reconhecer o outro como sujeito, transforma-o em um mero objeto, utilizado em prol de sua satisfação. Ciente da gravidade dos fatos, Freud (1930/1980) considera que tal instinto agressivo<sup>6</sup> necessita ser contido por normas e leis sociais. Logo, a mesma sociedade que tenta reduzir a agressividade, a crueldade e a violência humana por meio da formação cultural, também está adoecida pela falta de compromisso ético e moral, assim como pela deturpação dos valores universais, o que acaba gerando e atenuando ainda tais manifestações violentas.

Desse modo, cabe à reflexão dos questionamentos fundamentais trazidos por Foucault (1982/1995, p.239) em seu ensaio *O sujeito e o poder*, que nos fazem refletir sobre: “O que está acontecendo neste momento? O que está acontecendo conosco? O que é este mundo, esta época, este momento preciso em que vivemos?” Seguindo essa linha, acrescentamos: Que época é esta em que a violência - em especial, a sexual - se faz tão presente? O que estamos nos tornando? Como o desejo pode tornar-se tão cruel e agressivo - especialmente nos casos de violência sexual contra a criança e adolescente - indiferente da existência de laços sanguíneos?

---

<sup>6</sup> De acordo com Freud (1930/1980, p.112), “são estes (os instintos agressivos) acima de tudo, que tornam difícil a vida do homem em comunidade e ameaçam sua sobrevivência. A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. A instituição do superego, que toma conta dos impulsos agressivos perigosos introduz um destacamento armado, por assim dizer, nas regiões inclinadas à rebelião. Mas por outro lado [...] devemos reconhecer que o ego não se sente feliz ao ser assim sacrificado às necessidades da sociedade, ao ter que se submeter às tendências destrutivas da agressividade, que ele teria satisfação de empregar contra os outros. [parece ser uma citação, neste caso, falta as aspas de fechamento].

Ao debruçarmo-nos mais detidamente sobre tais indagações, Muribeca (2017, p. 160) ajuda a entender que, no abuso sexual, a vulnerabilidade e a submissão da vítima fazem com que o abusador se sinta invencível e dominante. Nesse contexto, a autora faz uso das ponderações de Freud (1930/1980), para explicar que o homem - tomado por seus impulsos e desejos incontroláveis - pode “extrair prazer do abuso, do excesso da violência exercida sobre o outro, transformando a agressividade e a crueldade de praticar a violência numa zona permanente de prazer, na obtenção do gozo”. Diante disso, a violência sexual direciona-nos ao sentido de poder, em que o mais forte abusa do mais fraco, objetivando, assim, “paralisar, humilhar, dominar e submeter o outro ao seu poder”.

Seguindo tais ponderações, a crueldade presente no abuso sexual direciona-nos ao sentido das relações de poder e de violência, onde o mais forte abusa do mais fraco. Logo, na relação de poder, há a presença da liberdade, ou seja, “o poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres"” (FOUCAULT, 1982/1995, p. 244). De acordo com isso, o outro é considerado e mantido como sujeito ativo de ação, possuidor de um campo de respostas, possibilidades, reações, condutas e comportamentos, frente ao poder que lhe é imposto. Dada a possibilidade de ação sobre ação e da existência de um sujeito ativo, Foucault (1982/1995, p. 243) ainda aponta que o poder “incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, toma mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir”.

Essas breves considerações permitem traçar importantes distinções entre a relação de poder e a relação de violência. Na relação de violência, não há liberdade e tão pouco se age sobre a ação do outro. Uma relação de violência, conforme Foucault (1982/1995, p. 243), “age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la”.

Levando isso em conta, Faleiros e Faleiros (2007, p. 29-30) conceituam a violência acrescentando que “todo poder implica a existência de uma relação, mas nem todo poder está associado à violência”. Dessa forma, o poder torna-se violento quando é caracterizado “como uma relação de força de alguém que a tem e que a exerce visando alcançar objetivos e obter vantagens (dominação, prazer sexual, lucro) previamente definidas”. Em meio a esse campo desigual, prevalece o processo de dominação, em que o “dominador, utilizando-se de coação e agressões, faz do dominado um objeto para seus ‘ganhos’. A relação violenta nega os direitos do dominado e desestrutura sua identidade”.

Quanto ao processo de dominação, exploração, desigualdade e opressão, Chauí (1985) aponta que a violência está relacionada ao poder, pois, de um lado, temos o sujeito que domina e, do outro, a vítima dominada e violentada. Tendo em vista tais considerações, percebemos que a força pode ser usada para impor e manter o poder, em meio a uma relação de dominação e coisificação. A partir disso, torna-se possível refletir sobre a violência de gênero, sustentada pelos pilares da desigualdade que, segundo Almeida (2007, p. 28), ocorre “num quadro de disputa de poder”, em que “o uso da força é necessário para manter a dominação, porquanto a ideologia patriarcal – revela-se suficientemente disciplinadora”.

No que se refere à violência contra a criança e adolescente, Guerra (1998, p.32) afirma que há, “de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, a negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento”. Essa transgressão reflete a intenção de exercer poder sobre o outro, forçando sua submissão e a paralisia de suas ações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aproximando a violência sexual contra vulneráveis e os estudos de Foucault (1982/1995), verifica-se que, inicialmente, até pode existir uma relação de poder - ainda que acompanhada por uma relação de violência - entre a vítima e abusador, sendo que, nos momentos iniciais dessa trama, a vítima ainda é possuidora de um campo de ações, dada a condição da tentativa de denúncia, da busca de auxílio ou, até mesmo, da própria resistência física ao ato violento. Contudo, objetivando retirar da vítima qualquer possibilidade de luta, as relações estratégicas anulam o outro polo de poder, gerando, a submissão, o silenciamento, a desintegração da identidade e a perda de confiança no ambiente. Diante da impossibilidade de ação, percebe-se a eliminação da relação de poder e a permanência ou continuidade, tão somente, da relação de violência.

A conceituação do abuso sexual em meio à relação poder e violência, possibilita o entendimento sobre como o abusador usa as estratégias de poder para violentar a vítima, utilizando ou não a força física para controlá-la. Atentar-se para os mecanismos utilizados pelo violentador é uma exigência importante para a compreensão do fenômeno, assim como, para prevenção. Um outro aspecto é a atenção à vítima, tanto no seu acolhimento como na ação reparadora dos educadores. Neste sentido, torna-se indispensável novas

pesquisas acerca do fundamental papel da educação na formação dos indivíduos preparados para o enfrentamento do problema e a reparação de quem sofre tal violência.

**Palavras-chave:** Violência sexual, Educação, Relação de poder, Reparação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S. de. Essa violência mal-dita. In: ALMEIDA S.S. de (Org.) **Violência de gênero e as políticas públicas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CAVALCANTI, M. L. V. C.; FRANCHETTO, B.; HEILBORN, M. L. (Org.) **Perspectivas Antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DALBOSCO, C. A. A violência humana e papel do ócio estudioso. In: TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, Elisete M.; ROSSATTO, Noeli D. (Org.) **Filosofia e educação: escola, violência e ética**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

FALEIROS, Vicente P.; FALEIROS, E. S. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

FOUCAULT, Michel [1982]. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, H. L e RABINOW, P.. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREUD, S. [1930]. O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Psicopatia, violência e crueldade: agressores sexuais sádicos e sistemáticos. In: **Estudos de Psicanálise**. N. 48, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n48/n48a16.pdf>> Acesso em: 4 nov. 2023.

PLATÃO. **Politeia**. Griechisch und Deutsch Sämtliche Werk V. Nach der Übersetzung Friedrich Schleiermachers. Frankfurt am Main und Leipzig: Insel Verlag, 1991.

SÊNECA, Lúcio Aneu. Medéia. In: **Os pensadores**. Trad. e notas de Agostinho da Silva. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7902245/mod\\_resource/content/1/Os%20Pensadores%20%28Abril%29.%20Epicuro%2C%20Lucrecio%2C%20Cicero%2C%20Seneca%2C%20Marco%20Aurelio.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7902245/mod_resource/content/1/Os%20Pensadores%20%28Abril%29.%20Epicuro%2C%20Lucrecio%2C%20Cicero%2C%20Seneca%2C%20Marco%20Aurelio.pdf)>. Acesso em: 3 nov. 2023.